

O FATOR TEOLÓGICO NOS ESTUDOS ESTRATÉGICOS*

RAFAEL JOSÉ R. DE ESPONA

Cônsul Honorário da República da Lituânia, em Madri

SUMÁRIO

Introdução

Delimitação do conceito quanto às suas aplicações estratégicas

Raízes teológicas ocultas de processos sociopolíticos

Uma visão teológico-estratégica: A religião no século XXI

Conclusão

INTRODUÇÃO

A crescente importância acadêmica e prática que têm adquirido os denominados estudos estratégicos nas últimas décadas motiva a necessidade constante de

aperfeiçoar os parâmetros na sistemática da análise, cabendo inclusive construir um conjunto de preceitos específicos de escola científica¹. Neste trabalho pretende-se apontar certas características do fator analítico teológico, como parte integrante

* N.R.: Tradução livre do original "El factor teológico en los estudios estratégicos", da *Revista General de Marina* (junho/2006), pela jornalista Deolinda Oliveira Monteiro.

¹ Como se sabe, o termo "estudos estratégicos" é utilizado profusamente na atualidade, e é referência de diversas instituições especializadas em análises políticas em escala global. Tem-se determinado o período dos anos 50 como a época em que surgiram os estudos estratégicos como disciplina individualizada dentro do campo geral das relações internacionais, vinculando-se sua aparição ao novo cenário estratégico mundial provocado pelo emprego de armas nucleares. Sobre a exata definição do termo, tem-se destacado a dificuldade de estabelecer limites precisos, e para isso se identifica, a princípio, como peculiaridade própria o fato de que seu objeto de estudo é a estratégia militar; como a maior parte do poder pertence

do conjunto de elementos estudados na análise estratégica; certamente, o fator teológico encontra-se plenamente presente na disciplina, embora talvez caiba introduzir algumas considerações para obter toda a riqueza e as inter-relações que o dito elemento possui, gerando variáveis de particular e desigual comportamento. É evidente que o fator teológico é observado nos estudos estratégicos – com especial consideração metodológica pela sociologia das religiões –, o difícil é saber definir seu valor exato em sentido quantitativo e qualitativo.

Em uma primeira aproximação, é claro que a religião de cada povo² condiciona sua idiossincrasia, sociedade, política e cultura. O seguimento de uma religião configura os traços sociológicos de uma civilização particularizada e influi na orientação dos vetores que ajustam seu posicionamento e tendências de ação no tempo e no espaço.

Existe uma combinação de componentes voláteis e permanentes na estruturação das confissões religiosas que perfila a característica de “mutabilidade e fragmentação” no fator religioso, da qual existem inumeráveis exemplos na História: a divisão

sunita e xiita no Islã, o processo revolucionário da Reforma, desde o luteranismo, calvinismo e anglicanismo até os evangélicos, reformados, batistas, anabatistas, metodistas e suas numerosas subdivisões; no Oriente, o budismo, xintoísmo, hinduísmo e zoroastrismo, entre outras. Mas isso não deve levar a engano: há uma alta capacidade de coesão dentro da rivalidade interna de cada religião, reagindo diante do inimigo comum infiel, como a aliança histórica entre protestantes e católicos contra os turcos (com a ausência paradoxal da católica França) no século XVI. Por sua vez, as hostilidades religiosas, consideradas altas traições de lesa-divindade, com frequência não possuem tratamento análogo à traição política: os reis cristãos medievais castigavam com relativa moderação as deslealdades de seus vassalos senhores feudais, embora a cristandade da Idade Média fosse implacável ante as heresias (como foi o caso da albigense); não obstante, ante um cisma – não heresia – como o de Bizâncio, o emprego da força encerrava uma legitimação diferente.

No campo teológico, os matizes são muito importantes, e para poder apreciá-los é

aos Estados, os estudos estratégicos tratam essencialmente do uso da força no Estado e entre Estados. Entretanto, esta simplificação não é viável, posto que a tecnologia e as telecomunicações têm mudado o panorama militar clássico, as inter-relações entre o civil e o militar, e entre o nacional e o internacional, complicando a definição de análise estratégica, que se configura como escola acadêmica na época da globalização, embora se diluam as soberanias e as entidades econômicas privadas transnacionais rivalizem e até superem o poder de muitos Estados. Embora os temas dos estudos estratégicos variem constantemente com os avanços técnicos e novos conflitos, os conceitos possuem certo grau de permanência. Entre as relações internacionais e os estudos estratégicos não deve ser feita uma separação radical, ao existir uma relação de interdependência baseada na divisão de tarefas (Buzan, B. *Introducción a los Estudios Estratégicos, tecnología militar y relaciones internacionales*, pp. 12-26, Madrid, 1991). William S. Lind afirma a crescente ausência de distinção entre o mundo civil e o militar (Lind, W. S. *El cambio del rostro de la Guerra: entrando en la cuarta generación*, Marine Corps Gazette, USA, 1989). Na Espanha, os estudos estratégicos desenvolvem-se principalmente na última década (atualmente se contam 29 centros espanhóis especializados, tanto públicos como privados, civis e militares), seguindo a doutrina acadêmica dos Estados Unidos e do Reino Unido.

2 No ano de 2000, estabeleceu-se o seguinte ranking mundial de seguidores de religião: maometanos – 1.150.000.000, católicos romanos – 1.050.000.000, protestantes – 500 milhões, ortodoxos – 170 milhões, religiões hindus – 820 milhões, religiões orientais – 350 milhões, judeus – 20 milhões. (Brunori, P. *La Iglesia Católica: fundamentos, personas, instituciones*, p. 21, Madrid, 2000)

imprescindível um alto grau de conhecimento da religião que se pretende analisar. Assim, do ponto de vista religioso, uma afronta pode resultar facilmente perdoável, ou, pelo contrário, irreparável, segundo o procedimento adotado para materializá-la e seu alcance simbólico, como por exemplo algo aparentemente superficial como causar a morte de alguém mediante um tipo de arma, a posição do corpo em uma execução, o lugar, dia ou a hora de um combate ou o aparato do combatente em ação bélica. A inação de uma população

poderia transformar-se rapidamente em clamorosa resistência se um ataque se efetuasse de tal modo que tivesse reminiscências ou possível identificação com um episódio legendário ou apocalíptico contemplado na tradição religiosa do lugar. Da mesma forma, a ameaça de

holocausto nuclear pode não operar como dissuasão ante um quadro de fanatismo religioso pré-apocalíptico.

O materialismo analítico é falacioso. Pretender a exclusividade dos meios de produção como governantes da História, afastando as idéias e credos – no mais alto grau qualificados como pretextos (o “ópio dos povos”) ou motes de propaganda –, é uma simplificação distorcida, embora seja neces-

sário distinguir quando aquelas são propagandas encobertas de idealismo ou quando realmente consistem em princípios religiosos que tratam de contribuir com sua visão e resposta acerca de uma dimensão sobrenatural, e em consequência dirigem os processos sociopolíticos das nações que as professam³, embora o que muitas vezes nasce de um órgão propagandístico como instrumento de ação psicológica possa transformar-se em credo da população, daí os debates historiográficos sobre relíquias e aparições. O fator teológico há de ser por-

menorizado para se saber até que ponto é influente, e como deve ser ponderado no momento de integrá-lo à análise estratégica.

No plano psicológico, conta-se como importante elemento de motivação no comportamento humano o sentido que o indivíduo dá à vida e à mor-

te, e uma resposta à dita concepção tende a ser religiosa; deste modo, para o sujeito, os atos individuais encontram sua máxima justificação na subordinação à vontade divina. Portanto, as crenças religiosas explicam em grande medida a estrutura das tendências, dos temores e das inseguranças humanas, e por seu alto poder de convicção podem ser utilizadas como mecanismo de ação psicológica coletiva⁴.

O fator teológico há de ser pormenorizado para se saber até que ponto é influente, e como deve ser ponderado no momento de integrá-lo à análise estratégica

3 É representativa a oposição historiográfica entre especialistas em cruzadas da Terra Santa (como René Grousset) e Hans E. Mayer. Se para os primeiros aquelas foram uma façanha essencialmente movida pela piedade, o professor Mayer aduz em sua análise o que considera provas da instrumentação do fator religioso para impulsionar uma empresa de interesses temporais político-econômicos. (Grousset, R. *La Epopeya de las Cruzadas*, Madri, 2002; Mayer, H. E. *Historia de las Cruzadas*, Madri, 2001).

4 Sobre as técnicas para a ação psicológica na população, o Coronel Gosálbez tem destacado como o reforço de atitudes e a sensibilização da população proporcionam a segurança em relação a [certas] convicções, garantindo sua eficácia e convencendo de sua verdade e razão”. (Gosálbez Celdran, A. *Estrategias para la Acción Psicológica*, p. 92, Madrid, 1987). Em tempo de guerra, esta ação transcende o âmbito bélico, pelo que “no próprio teatro de operações, o adversário, os beligerantes

Em termos gerais, parece perceber-se, no estilo desenvolvido nos estudos estratégicos, uma distorção de enfoque sobre as questões teológicas: em muitas ocasiões não se consegue uma análise objetiva, mas se tende à parcialidade ou à redução simplista (identificando os elementos úteis da religião com a cultura, o folclore, os costumes) porque existe um amplo desconhecimento do tema. Também se empregam repetidamente dogmas científicos falsos, como aquele que afirma que pobreza e radicalismo seguem unidos (exemplo claro são as províncias estremenhas e vascongadas da Espanha e sua relação com o terrorismo).

O fator teológico opera como um vetor capaz de influir de modo imprevisível no teatro de operações: a capacidade de sacrifício por um credo e o apego a valores religiosos não podem comparar-se às lealdades políticas ou pessoais. Assim se explica a falha das estratégias de ação psicológica na população: a natural tendência biológica ao bem-estar choca-se com a variável do sacrifício pessoal de natureza religiosa. Manter as crenças no âmbito do foro interno se propugna na sociedade moderna como máxima de tolerância e convivência, mas, embora cumprindo-se, não

pode evitar-se a orientação interna dos comportamentos individuais externos, pois por mais que uma pessoa tenha suas crenças individualmente, sua cosmovisão de natureza religiosa regerá seus atos. As táticas de aliança e dissuasão não são aplicáveis sob os parâmetros usuais nas questões religiosas, pela conhecida instabilidade do fator teológico: a divisão nas religiões ou a perseguição de um credo não atuam como em outros âmbitos ou instituições, visto que o que debilita uma empresa ou um governo – por exemplo, a adversidade econômica ou a morte de um líder – é perfeitamente capaz de fortalecer uma religião. Em consequência, longos e detalhados estudos de prospectiva analítica, elaborados seguindo-se complexos métodos matemáticos e estatísticos, podem nos levar a conclusões certas por falhas iniciais de natureza conceitual⁵. É aí onde a informática não pode chegar, posto que o *input* traz um viés de origem. O fator teológico é difícil de concretizar em binômios estáveis de premissas associadas a consequências, visto que em cada religião a associabilidade de fatos difere, ao existirem numerosas variáveis e ampla gama de matizes doutrinários⁶.

e os atores da violência pretendem obter uma legitimidade, ou seja, atuar em nome de um povo, de uma comunidade, de uma minoria religiosa, étnica ou outra. O sentido que cada um dos protagonistas dá à sua guerra cria uma verdadeira 'guerra de sentido', e em consequência existe um confronto de legitimidades que enquadra e justifica o das armas". (Francart, L. *Las acciones en los campos psicológicos*. Revista *Défense Nationale*, febrero 2000).

5 Quanto ao problema qualitativo na prospectiva, "quando entramos no campo das ciências sociais, o prognóstico se complica de tal modo que qualquer metodologia determinista é inviável. Antes do uso da prospectiva, se utilizavam fundamentalmente estudos estatísticos de tendências, com o perigo que supõe qualquer extrapolação. A principal dificuldade desses métodos é o fato contrastante de que o futuro não somente é evolução, é também mutação, e não há uma teoria satisfatória para o estudo das mutações". (Vinueza Guerrero, B. *La prospectiva, una herramienta usada por el Mando de Adiestramiento y Doctrina para vislumbrar el futuro de Ejército*, Revista *Arbor*, p. 478, marzo 2000). Na análise prospectiva, "ver com amplitude supõe para o analista de inteligência uma cuidadosa consideração de todos os fatores relevantes, de todos os componentes no ambiente multidisciplinar em que se desenvolve sua atividade (...). Analisar profundamente supõe, à parte o rigor científico de seus juízos, incorporar à sua metodologia algumas técnicas auxiliares adequadas" (Arregui Astá, A. *Inteligencia y planificación en el Ejército. Una aproximación prospectiva*, Revista *Arbor*, p. 460, marzo 2000).

6 Como exemplo cita-se um estudo demográfico sobre natalidade na Jordânia. No quadro estatístico elaborado sobre as razões alegadas pelos entrevistados para não se usarem métodos de controle da

A atualidade da questão é indubitável, já que as áreas nobres do panorama estratégico global estão vinculadas a questões religiosas. Além disso, o processo de globalização incrementa a transcendência do fator teológico, posto que a necessidade de estabilidade, devida à inter-relação geoestratégica e ao contato estreito entre civilizações, aumenta os pontos de conflito. As áreas geoestratégicas mais sensíveis no século XXI estão impregnadas de doutrinas estranhas ao Ocidente: islamismo, hinduísmo, budismo e outras religiões orientais;

o pensamento simbólico presente em todas elas as faz menos apreensíveis pelos parâmetros conceituais ocidentais, que conformam as premissas da análise estratégica.

Citemos um exemplo por todos nós conhecido: o panorama geoestratégico observado no Oriente Médio. Nesse teatro pode observar-se uma evidente influência do fator

As áreas geoestratégicas mais sensíveis no século XXI estão impregnadas de doutrinas estranhas ao Ocidente

teológico de múltiplos ângulos: as tentativas de constituição do Estado de Israel na Palestina, por exemplo, desenrolaram-se diante da alternativa de se fundar esse Estado no sul da Argentina, onde o processo resultaria menos conflitivo; razões religiosas do judaísmo impulsionaram a escolha pela denominada "Terra Prometida". Não obstante, mantém-se o sig-

nificado sacrossanto de Jerusalém para três religiões. Por sua vez, o reino da Arábia se ergue como guardião dos lugares sagrados do Islã, com sua própria facção religiosa wahabita. A guerra santa islâmica – *jihad* – opera com base

em uma motivação notadamente religiosa, que conduz a extremos incompreensíveis pelo Ocidente⁷. As dissensões internas no bloco de Estados de religião maometana, ou as possíveis divisões entre os israelitas, se explicam em grande parte pelo fator teológico (facções sunita, xiita, wahabita, ou os partidos Fatah e Hamas), embora o fator teológico opere como

natalidade, se encontra a citação "oposição ao uso", e dentro deste a subcitação "proibição religiosa", e, por outro lado, refere-se (na citação "outras razões") a "os filhos são vontade de Deus"; evidentemente, ambas as argumentações são motivos religiosos, não obstante os técnicos estatísticos tenham separado os resultados para incluí-los em duas categorias diferentes, o que supõe um desacerto conceitual. Ademais, não se explicita – provavelmente por subentender-se – em que sentido o Islã determina a proibição ou interpreta a vontade divina. (Department of Statistics – H. Kingdom of Jordan, Jordan Annual Fertility Survey 2000, pp. 32-33). Se, com base nas estatísticas e dados recolhidos durante anos (em que os fatores religiosos ou outros de influência religiosa não estão adaptados às particularidades muçulmanas), aplicamos sistemas prospectivos – como os métodos de Cenários, Delphi, Resultados Cruzados e Planejamento Baseado em Suposições –, não é confiável o resultado prospectivo alcançado, ao menos na medida em que a variável teológica é inexistente.

7 Na figura do *shahid*, o fator teológico opera tanto na vertente notadamente religiosa – caso do teocrático Hamas – como na sociopolítica – caso da laica Brigada dos Mártires de Al-Aqsa –; os voluntários não são necessariamente marginais, pobres ou incultos, mas frequentemente toleram um futuro promissor para oferecer-se como *shahid*; tal palavra não é exclusivamente usada no sentido de mártir nem de cruzado, de origem cristã, e embora com efeito se relacionem três elementos – sacrifício religioso, oferecimento da própria vida e defesa da fé –, existem diferenças importantes devidas à doutrina religiosa sobre a guerra, a defesa da fé e o respeito à vida. O mártir perde a vida passivamente em nome da fé por causa daqueles que a atacam; o cruzado luta ativamente em defesa da fé, expondo sua vida ao perigo, mas não matando-se; o *shahid* é diferente, embora possa uma conduta ativa similar à do cruzado e um sacrifício pessoal, como o mártir. Sobre o perfil psicológico dos *shuhada*, afirma-se que "conforme descrições da imprensa e declarações de quem os conhecem, não se trata do que os psicólogos definiriam como tipo suicida: não são depressivos,

nexo contra o inimigo comum. A distinção judaica entre os conceitos *eloim*, *rodefe* e *moshav* está subjacente no atentado contra Isaac Rabin; paralelamente, o mesmo caráter de vingança ante a traição religiosa foi observado nos atentados contra El-Sadat e o rei Hussein. A capacidade de rápida expansão de dito conflito se dá precisamente pelo fator teológico, passando a adquirir correlações de alcance global⁸.

DELIMITAÇÃO DO CONCEITO QUANTO ÀS SUAS APLICAÇÕES ESTRATÉGICAS

Tal como foi observado anteriormente, surge *a priori* uma dificuldade a respeito da congregação do conceito religioso da perspectiva dos estudos estratégicos. Sob esse ponto de vista, não se trata de modo algum de expressar uma definição dogmática nem doutrinária, mas de fixar certos pilares que compreendem a construção do conceito “religioso” suscetível de operar como fator teológico nas análises estratégicas. Em consequência, cabe esclarecer os seguintes requisitos que delimitam uma religião:

– **Doutrina:** sistema de crenças de alcance especulativo sobrenatural (criam normas e ritos);

– **Sociedade:** configuração da idiosincrasia socializada do conjunto dos fiéis;

– **Institucionalização:** estruturação da classe sacerdotal, líderes ou magistrados religiosos.

Em geral não existem elementos mencionados com o mesmo grau de complexidade ou desenvolvimento em todas as religiões, e em geral existem grandes diferenças, inclusive dentro de uma mesma. Segundo tempo de existência, amplitude e número de fiéis de cada religião, podemos falar de microsociedades (como o Estado de Utah e a religião mórmon) ou civilizações (como a civilização cristã medieval). Esses elementos são escolhidos enquanto possuem operatividade estratégica: podem dispor de forças sociais particularizadas e com um código de conduta diferenciado, organizadas e com alta capacidade de liderança; ao dotar-se de alcance tecnológico, o nível da consciência de diferenciação, a vocação de domínio fundamentado na legitimidade que confere a superioridade e a suprema justificação na vontade divina, estão dotadas de uma força exacerbada pela transcendência religiosa. É então quando sua ação no plano estratégico irrompe com força particular, e por isso é suscetível de ser denominado de “quinto poder”.

Quando se faz referência a uma religião, não se equipara a um sistema de idéias polí-

impulsivos, solitários ou desesperados, com histórias de dificuldades pessoais. Nem parecem impulsionados pela frustração econômica” (Margalit, A. *Los Terroristas Suicidas*, Revista Política Exterior, nº 92, p. 95, abril 2003).

8 A rapidez da extensão dos conflitos por via religiosa é notória. A questão israelita do Oriente Médio tem se propagado por todo o mundo, de forma que o sionismo se identifica por seus antagonistas como um judaísmo imperialista laico. Sob a ótica judia, ele se relaciona com as raízes da Shoah: “O discurso anti-sionista, proferido para alimentar a opinião, criou o elo que faltava entre o anti-israelismo de circunstância e o anti-semitismo repellido. A culpabilidade de Israel, justificada por sua essência sionista, dá ao anti-semitismo uma aparente legitimidade ao abrigá-lo sob considerações da política internacional; por outro lado, o anti-sionismo acrescenta energia à hostilidade antijudaica tradicional conquistando adeptos cuja motivação original estava ligada, conscientemente pelo menos, ao conflito árabe-israelense” (Poliakov, L. *Histoire de l'Antisémitisme*, Paris, 1991). Sobre a força internacional do Islã, “especialmente desde o triunfo da revolução komeinista no Irã sobre a ditadura pró-ocidentalista do xá, tem retomado a obsessão sobre o ressurgimento islâmico; adubada também, como é habitual, por todos os estereótipos embalados pela ignorância” (Mesa Garrido, R. em *El Islam: Presente y Futuro*, p. 92, CESEDEN, Madrid, 1999).

ticas ou filosóficas, embora aquelas derivem destas; o homem se sabe dono da idéia e pode modificá-la, mas não pode possuir a divindade, visto que não pode alcançá-la. Embora possa articular-se uma definição padrão da religião manejável para a análise estratégica e utilizável para apreender todos os fenômenos confessionais, de uma perspectiva de relatividade é impossível distinguir uma religião de uma seita, ou uma religião verdadeira sobre as demais falsas: existe uma necessidade de ser absoluto e a tomada de uma posição de referência para distinguir entre religião verdadeira e seita ou religião falsa⁹. Considerando-se seita uma cisão de uma religião, é impossível determinar o motivo pelo qual uma seita se erige ela própria em religião. As dificuldades de definição segundo os parâmetros descritos são notadas especialmente em alguns casos, como nos chamados "novos movimentos religiosos", ou seitas em linguagem corrente, que são indefiníveis adogmáticamente, gerando uma

situação de indeterminação separadamente do conceito, embora coloquialmente se denominem seitas aquelas que possuem elementos extravagantes e exercícios ilegais, e que estão fortemente hierarquizadas ou realizam práticas paramilitares¹⁰.

Na análise estratégica também podem se encaixar como fator teológico, ou ao menos operar sob parâmetros similares, determinadas doutrinas políticas ou escolas filosóficas suscetíveis de atuar como sistemas quase religiosos, por possuírem uma cosmovisão, escatologia, vocação para o absoluto, e inclusive messianismo (tal é o caso do nazismo e sua vinculação com deidades pagãs, ou o comunismo sem iconografia religiosa). Também podem perceber-se certas essências religiosas secularizadas em movimentos não-religiosos, ou sucedâneos pseudo-religiosos ou que funcionam como substitutivos da religião em sociedades necessitadas de valores supremos, aos quais se adere após fracassos ideológicos¹¹.

9 Há alguns anos, em sua refutação – em artigo jornalístico opinativo – à Declaração Dominus Iesu da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, A. Garrigues Walker negou a legitimidade de uma religião (neste caso, a católica) para se auto-erigir em única religião verdadeira. Com base na referida refutação, todas as religiões são verdadeiras e nenhuma pode negar as demais, embora este seja o caminho sempre utilizado para autojustificar a doutrina própria.

10 Definir sociologicamente o termo "seita" utilizando suas características externas é difícil, e sua conceituação é ambígua e limitada: separação da sociedade, crença no iminente fim do mundo, disposição a entregar a vida pela causa, culto ao líder, regras estritas, liturgia extravagante, austeridade, proselitismo etc. São características que, embora sejam lícitas e voluntárias, sem exploração nem coação do adepto, legalmente entram na esfera da liberdade individual desenvolvida de modo associativo para dar caminho às crenças. Além disso, muitas dessas características são observadas em organizações ou agrupamentos não religiosos, como os exércitos, escolas filosóficas e, inclusive, algumas empresas. Se no seio do grupo religioso realizam-se práticas delituosas, parece não haver dúvida sobre a negatividade daquele, mas no caso de não existirem, a maior ou menor singularidade do regime de vida interno baseado na própria doutrina pertence ao âmbito da liberdade de crenças e forma pessoal de viver o fenômeno religioso. Certos grupos anti-seita, como o Anticult Movement, insistem no comportamento e não na doutrina para catalogar as seitas (Guerra Gómez, M. *Diccionario Enciclopédico de las Sectas*, p. 63, Madrid, 1999). Do ponto de vista da não-confessionalidade legal, o princípio "a lei não conhece heresia" lhe impede de apoiar um dogma (Burkholder, "The Law Knows no Heresy": *Marginal Religious Movements and the Courts*, p. 30, processo da Corte Suprema de Estados Unidos no caso Watson x Jones, 1872).

11 Estudando a política de mudanças sociais na China pós-maoísta, Sean Golden afirma que "o fracasso do modelo soviético e da ideologia maoísta, assim como seus receios quanto à ideologia ocidental, tem obrigado o Partido [comunista chinês] a buscar na reabilitação de Confúcio e dos valores tradicionais confucianos uma alternativa ao consumismo que ocupa o vazio "espiritual" desejado pelo maoísmo". (Golden, S. *El nuevo orden internacional en Asia-Pacífico*, p. 176, Madrid, 2002).

Doutrinalmente, cada religião articula o recurso ao emprego da força de modo diferente. Para umas, a guerra é meio e fim, posto que o ideal da superioridade religiosa se circunscreve à destruição das doutrinas falsas. Outras buscam o abandono das demais religiões, consideradas errôneas, por meio da conversão e através do proselitismo. Na doutrina católica, para a utilização da força em defesa da fé – tanto privada como na guerra – deve haver legitimidade e proporcionalidade como meio de defesa ou de ataque preventivo ou, ainda, de resposta¹².

RAÍZES TEOLÓGICAS OCULTAS DE PROCESSOS SOCIOPOLÍTICOS

Doutrinalmente, cada religião articula o recurso ao emprego da força de modo diferente

Embora existam casos evidentes em que afloram à luz as raízes teológicas de conflitos de alcance estratégico, em geral passa bastante despercebida a motivação teológica subjacente a processos sociais ou políticos – enquanto estes incidem no panorama estratégico global, o fator teológico está operando diretamente nele. A forma na qual influi o dito fator teológico pode ser individual ou coletiva. Coletivamente, a nível estatal, como é o caso dos países confessionais (como o Vaticano) ou teocráticos (o reino da Arábia), ou em sociedades impregnadas de valores religiosos arraigados próprios de sua tradição

(como é a monogamia no Ocidente, a poligamia islâmica, ou a mais minoritária poliginia em lugares da Ásia); de modo individual, a adesão ideológica pessoal de pessoas ao menos ocasionalmente influentes, situadas nas elites sociais ou não, explicará as motivações de seus atos e delimitará o campo de ações ou omissões que entram em seu espectro de atuação. Como raízes teológicas ocultas presentes em processos coletivos, alguns críticos dos modernos *neocons* norte-americanos, ao explicarem as razões da intervenção dos Estados Unidos no Iraque,

assinalam a aliança teológica entre o fundamentalismo judaico e o protestantismo norte-americano. O chamado anglo-israelismo poderia ser um dos elementos de conexão teológica

que contribuiria para tal aliança, além da mera cooperação geoestratégica no Oriente¹³. Igualmente, na aliança tática das falanges cristãs e dos israelitas no Líbano, se insinua o pano de fundo do elemento teológico.

Por outro lado, na propagação do comunismo pela América hispânica, a denominada “Teologia da Libertação” (difundida pelas comunidades eclesiais de base) foi um elemento-chave; a combinação do fator teológico com a filosofia marxista, embora no final evidente, foi solapada inicialmente. Além do uso do catolicismo pelos movimentos revolucionários sul-americanos, a neopagã religião telúrica Gaia e o indigenismo

12. Tanto no caso das cruzadas à Terra Santa como no da reconquista espanhola, o conceito doutrinário católico é o uso da força com o fim de libertar um território para colocá-lo sobre o *imperium* da Cristandade ou neutralizar a força anticatólica, mas não matar diretamente o infiel pelo fato de sê-lo. Os delitos de “lesa-divindade” que conhecia o Santo Ofício – com jurisdição sobre os fiéis –, ainda que fossem castigados pela pena de morte, eram regidos pelo princípio de justiça vingativa.

13. Por “anglo-israelismo” se entende uma doutrina emanada de um movimento que crê que os anglosaxões descendem biologicamente dos israelitas, por meio de quem foram deportados pelos assírios ao norte da Europa no século VIII a.C., posteriormente assentados na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos; “desse movimento se nutre a Ku-Klux-Klan (...) e de seu seio têm nascido algumas seitas nos EUA”. (Guerra Gómez, M. op. cit., p. 62).

religioso são forças subjacentes do Movimento dos Sem-Terra (MST), assim como as religiões pré-colombianas e o neotribalismo anarcoprimitivista nutrem no referido continente parte do Movimento Antiglobalização. Frequentemente são de grande utilidade os pequenos grupos religiosos ou seitas de caráter hierárquico, isolacionistas ou violentos, para formar infiltrados em instituições e organizações ou para ações terroristas. A dificuldade em descobrir a motivação de atos delituosos – incompreensível pela impermeabilidade de muitas das doutrinas sectárias – se reforça com lealdades e pactos de silêncio entre as seitas e seus membros. As técnicas psicológicas de reforço de atitude se baseiam na combinação dos vetores-força na psique do adepto: o exacerbado afã de superioridade pessoal e a superação do medo da morte.

UMA VISÃO TEOLÓGICO-ESTRATÉGICA: A RELIGIÃO NO SÉCULO XXI

Sobre as tendências religiosas do século XXI, pode afirmar-se que a polarização tam-

bém alcançará o campo teológico. Embora a potência militar e econômica hegemônica – Estados Unidos – possua em seu território uma grande quantidade de grupos religiosos, embora sua elite e sua consciência nacional sejam de concepção protestante, os atuais autores e tratadistas norte-americanos de análise da política exterior desse país e da ordem mundial são propensos a uma convivência religiosa de inter-relação¹⁴. O processo de globalização e o “choque de civilizações” tendem ao amálgama das religiões e, assim, os elementos de concordância que são comuns a todas elas, a suprema referência aos direitos humanos e o respeito à ação religiosa, regerão a nova ordem global. Conforme as modernas tendências filosóficas, posto que no final as respostas às grandes interrogações existenciais sob a premissa da permanência de uma divindade são tarefas das religiões, segundo os mencionados autores é possível um consenso teológico que harmonize todas as leituras proporcionadas. Em consequência, o sincretismo religioso evita o choque de civilizações sob a perspectiva de Huntington. Algumas prevalecerão, porquanto servem de modelo eclético

14 Joseph S. Nye Jr. defende a importância do “poder moderado” e a imposição do *american way of life* e seus valores “espirituais” como modelo sociocultural, enquanto causas de controle e influência. Samuel P. Huntington afirma a necessidade da configuração de um sincretismo sociocultural, religioso e político; em suma, um amálgama de idiosincrasias para configurar uma civilização global estável. Para Zbigniew Brzezinski, os Estados Unidos constituem a última potência hegemônica da história, devido ao multiculturalismo, mas será necessária uma coordenação entre diferentes centros gerenciados por outras potências. Liga-se a esta última tese a defendida por Robert Kagan, segundo a qual os Estados Unidos correspondem à função que governa a ordem mundial, ante a decadência da Europa. A equiparação entre nacionalismo e fundamentalismo se deve a Ralph Peters, que defende a necessidade de os Estados Unidos serem temidos pelos “Estados fracassados”, para que possa trabalhar-se a favor da ordem mundial. Mais crítico, William Pfaff tem denunciado as crenças básicas da política exterior norte-americana: messianismo, egolatria e belicosidade nacional, protagonizadas pelo *lobby* armamentista. Creemos poder haver uma aplicação comum das teses defendidas por autores precitados no campo teológico, seguindo principalmente Huntington, para concluir que dos Estados Unidos se promove um movimento de globalização religiosa presidida por valores espirituais norte-americanos em busca da concórdia teológica para criar uma futura religião sincrética mundial (Nye, J. S. *La Paradoja del Poder Norteamericano*, Madrid, 2003; Huntington, S. P. *El choque de civilizaciones y la reconfiguración del orden mundial*, Barcelona, Brzezinski, Z. *El gran tablero mundial. La supremacía estadounidense y sus imperativos geoestratégicos*, Barcelona; Kagan, R. *Poder e Delibad*, Madrid, 2003; Peters, R. *Fighting for the Future. Will America triumph?*, USA, 1999; Pfaff, W. *Barbarian sentiments; America in the new century*, USA, 2000).

(especialmente o budismo), enquanto outras serão mais resistentes em relação direta à sua capacidade de amoldar-se à "religião das religiões". Inevitavelmente se produzirá uma tensão permanente entre aproximação (como a seu tempo se deu entre *ostpolitik* e ecumenismo) e exclusividade religiosa. Todavia, a resistência à integração em um credo ecumênico é maior, revestindo possíveis traços de perigo, quanto mais se busca a exclusividade. A intimidação favorece, em muitas ocasiões, o renascimento virulento da reivindicação doutrinal em estado puro. Os processos de mutação natural geram instabilidade ao serem induzidos, principalmente se forem empregadas pressões (e geram reação violenta, como o radicalismo islâmico na Jordânia, Turquia, Argélia ou Marrocos). A paz é por todos considerada como elemento comum de consenso; a guerra religiosa é intrinsecamente conflitiva, mas se a paz é "a tranquilidade dentro da ordem" (Santo Tomás) deverá se analisar como cada qual entende qual é a ordem correta. Em termos extremos, a alternativa globalizadora religiosa é diáfana: ou se chega a um amálgama inter-religioso geral (o que é difícil pela instabilidade e a tendência à fragmentação) ou se produz o predomínio absoluto de uma religião via confrontação.

CONCLUSÃO

É necessário renovar a aplicação, com propriedade e precisão, do fator teológico aos estudos e análises estratégicos. Não se pretende com isso a proposição concreta de um modo de atuação, mas tão-somente considerar dito fator como variável a ser incluída, com o peso e a qualidade que lhe correspondem na análise. É um fa-

tor a ter em conta sob suas particularidades de comportamento, e se ressalta sua importância fundamental para os estudos estratégicos. O uso da força e a resistência a esta estão influenciados, em boa parte, pelo elemento teológico; migrações, integração social, sistema educativo, criação de opinião pelos meios de comunicação etc. se associam à instabilidade em grande parte pelas diferenças religiosas.

A tendência filosófica revolucionária em direção à religião sincrética do século XXI necessita conhecer bem todas as religiões para construir um amálgama viável e assegurar sua estabilidade e permanência, posto que o ecletismo pode descompor-se em facções, segundo a particularização especial de algum elemento doutrinal, pela ação carismática de líderes, ou por interpretações diferentes de acontecimentos. Em consequência, se existe uma autoridade mundial, haverá um organismo que interprete as religiões regido pelo consenso, em áreas de estabilidade religiosa. Teoricamente, cabem três possibilidades: triunfo do sincretismo, prevalência hegemônica de um credo e permanente coexistência conflitiva em diversos graus entre vários credos em um equilíbrio instável com constante reorganização de forças.

Integrando o fator teológico à análise particularizada, para o que se torna imprescindível a completa compreensão das religiões, utilizando a terminologia própria da disciplina, se reforçará a capacidade analítica desenvolvida nos estudos estratégicos, e a ação de compreensão, influência e prospecção sobre o campo teológico será em maior medida efetiva. Nas palavras de Joseph S. Nye Jr., na sociedade da abundância de informação, a "atenção se erige em valor de referência".

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES> / Estratégia; Estudo; Pensamento militar; Religião;